

# Orquestra Jazz de Matosinhos & Sérgio Godinho

19 Jun de 2016

21:00 Sala Suggia

-

CICLO JAZZ

**Sérgio Godinho** *voz e composições*

**Pedro Guedes**  *direcção musical*

**Carlos Azevedo, Pedro Guedes, Telmo Marques** *arranjos*



casa da música

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



“Não consigo conformar-me com o facto de a versão gravada ser a versão definitiva. Acho que o disco é um momento importante na vida da canção. É um casamento, onde se faz a boda é no disco. Mas depois a vida continua e a vida da canção também continua. E, como os amores, pode morrer de morte natural ou ganhar vida nova. Podemos fazer transformações que são como os filhos que nascerão dela. Esse é o percurso natural de vida e morte de uma canção. Há até ressurreições, porque muitas vezes vou buscar coisas que supunha estarem a dormir o sono eterno.”<sup>1</sup>

É assim com Sérgio Godinho. Autor de algumas das mais aclamadas canções que povoam o imaginário colectivo português das últimas décadas, nunca o sucesso o fez sucumbir à tentação de quaisquer cristalizações que pudessem privar a sua carreira e a sua música da curiosidade e da liberdade, bússolas indispensáveis no seu percurso. Tem celebrado recorrentemente com verdadeiro prazer a surpresa de qualquer olhar renovado perante o caminho percorrido, não se escusando a “mergulhar no desconhecido” das suas canções, saboreando os frutos de um terreno fértil de onde brotam novas cumplicidades. Como o amante mais dedicado, reconhece às suas criações vida própria e autonomia, alimentando o seu crescimento sem se furtar a quaisquer riscos, mas antes saboreando a aventura, garantindo à sua obra um halo de eterna juventude. Ciente da distância entre a pertença e a posse, gosta de ser surpreendido, em disco e em palco, pelo contributo dos seus parceiros: “mesmo quando a solução é longínqua daquilo

que propus, mas está adequada, aplaudo”<sup>1</sup>. A Orquestra Jazz de Matosinhos junta-se agora a esta longa viagem de descobertas, onde os passageiros – Sérgio e os seus cúmplices de palco e de plateia – se entreolham, lado a lado, frente a frente, de olhos postos na janela que o tempo atravessa, leve e livre.

A viagem artística de Sérgio Godinho, inicialmente de roteiro inesperado, traz a marca e o reflexo dos caminhos que explorou em busca de si mesmo, de bagagem pronta a construir. Caminhando no sentido oposto ao de uma ditadura com destino previsto na guerra colonial, embarcou primeiro em direcção a Genebra, depois percorrendo o oceano a partir de Amesterdão, entretanto explorando a Europa de mochila às costas e guitarra a tiracolo. A escrita de canções em língua portuguesa e em estilo próprio não foi um caminho evidenciado desde início. Sérgio deixou-se seduzir primeiramente por referências externas ao contexto português, entre as quais se destacam a *chanson française* (Jacques Brel, Georges Brassens), a música popular brasileira (João Gilberto, Tom Jobim, Chico Buarque, Caetano Veloso, bem como Noel Rosa, música nordestina e choro), o universo pop/rock e folk de então (Beatles, Rolling Stones, Kinks, Doors, Bob Dylan) e ainda a “música aplicada”, para teatro ou cinema.

A música portuguesa reclamou a sua atenção por via de José Afonso: “Eu não gostava muito de música portuguesa. Gostava de algumas coisas mas não eram as minhas referências, não tinha uma referência que me levasse, eu próprio, a querer um dia escrever também. E o aparecimento do Zeca foi importantíssimo para mim. Porque realmente ele com influências várias (...) construiu um universo muito arrojado, sobretudo porque não se cingiu ao

fado (enfim, àquela raiz estrita) mas partiu para outros territórios. E a partir daí claro que é evidente que há outras pessoas que, aberto esse caminho, seguem nesse caminho com os seus percursos próprios. E eu sou um deles, com certeza”.<sup>2</sup>

Seria em Paris que os primeiros frutos se reuniam em disco, com a contribuição de músicos locais e do mais importante parceiro de autorias, José Mário Branco, também ele refractário sedado em Paris. O EP *Romance de um Dia na Estrada* (1971), lançado em Portugal pela mesma ocasião de *Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades* de José Mário Branco, serviu de porta de entrada para *Os Sobreviventes* (1972), primeiro longa-duração de Sérgio Godinho. Nele detectam-se não apenas as principais influências musicais que norteavam o seu percurso como autor (feito mais de estradas do que de carreiros), como também as grandes áreas temáticas em que se desenvolve a escrita das suas letras e que caracterizariam a obra de Sérgio Godinho como um todo: canções de percurso ou vivenciais (incluindo interrogações filosóficas), canções de amor, narrativas próximas do referencial popular de tradição oral e – *last but not least* – canções de crítica social e política. Desse álbum, tem sido revisitada frequentemente a **Maré Alta**, com o seu refrão premonitório e assertivo (“a liberdade está a passar por aqui”), assente numa harmonia pouco ortodoxa (outra característica comum à obra de Sérgio).

Entre paragens por França, Brasil, Holanda e Canadá, prossegue caminho com *Pré-Histórias* (1973), que é gravado novamente em Paris mas encontra espaço para a primeira das várias alusões que faz ao Porto na sua obra (*Porto Porto*).

Por um cenário revolucionário passam as canções de *À Queima-Roupa* (1974) e *De Pequeno se Torce o Destino* (1976). Apesar do contexto social e político que se vivia, Sérgio Godinho esteve longe de render as suas canções à gaveta da chamada “canção de intervenção”, rótulo que rejeita, como outros dos seus congéneres, por ser redutor e vago, menosprezador da multiplicidade de aspectos da vida quotidiana que são traduzidos na sua obra. É desta época a **Liberdade** – a do álbum e, sim, a das ruas. Conhecida pelo seu refrão que Sérgio caracteriza oportunamente como um “graffiti posto em rock” (“a paz, o pão, habitação, saúde, educação”), é um alerta de quem está atento à necessidade de ver a liberdade como feita de coisas concretas e práticas quotidianas. Mas o mesmo tempo trouxe também a primeira de muitas canções em jeito de retrato, que Sérgio Godinho faz gravitar em torno de uma personagem e da sua narrativa. **Etelvina** foi esboçada ainda no Canadá, antes do regresso a Portugal em Maio de 1974. Esta sem-abrigo de carácter forte constituiu a redescoberta de um prazer especial nas canções e é também mais um passo no reencontro com o ambiente do Porto que, tal como Etelvina, reaparece no imaginário e nas canções do seu autor.

Falando de encontro – e porque todas as viagens o proporcionam – é a partir de *Pano-Cru* (1978) que se dá a parte mais notória do processo de consolidação da carreira e da popularidade de Sérgio Godinho, concomitantemente com a maturação estilística da sua obra. A escrita de letras vai revelando um apuramento mais detalhado no cuidado de artesão com que Sérgio refina os jogos fonéticos e vocabulares, as deslocções de sentido (veja-se *O Galo É o Dono dos Ovos*),

os aproveitamentos e recontextualizações de frases feitas e de dizeres quotidianos. “E vem-nos à memória uma frase batida... *É uma canção que fala da regeneração dos afectos e das forças numa situação de ruptura. Poderá ser o final de um amor, ou ter interpretações mais latas, o final de um qualquer ciclo. Há uma ruptura, o conforto oportuno dos amigos, fala dos excessos que muitas vezes nos são úteis, de um desafio novo e, depois, do apaziguamento tão comum que traz uma espécie de nova consciência, mais clarividente.*”<sup>1</sup> Sérgio fala, claro está, de **O Primeiro Dia**, canção que se tornou um dos seus maiores emblemas.

*Campolide* (1979) é estação de chegada e de partida, constituindo, como *Pano-Cru*, um disco “de charneira” na sua trajectória. O álbum arranca com o discreto **Parto sem Dor**, que tem tanto de prólogo como de epílogo antecipado (“E agora eu vou-me embora / e embora a dor / não queira ir já embora / agora eu vou-me embora / e parto sem dor”). Há também, começada no LP anterior, uma exploração progressivamente mais assumida das possibilidades diversificadas de arranjo, que o aproximariam dos territórios jazzísticos entre *Campolide* (1979) e *Canto da Boca* (1981). “Nestes discos, há um apport de músicos de jazz, que trazem um tipo de leitura das minhas canções muito específica. O Luís Caldeira, o João Paulo Esteves da Silva, o José Martins. Nessa altura, o meu universo andava menos próximo do rock, talvez mais perto de formas de raiz popular, e sempre do jazz, se é que o termo serve para definir alguma coisa...”<sup>1</sup>. Essa aproximação continuaria a dar frutos em *Coincidências* (1983, particularmente centrado na sua colaboração com ícones da música popular brasileira) e em *Salão de Festas* (1984). Não é de estranhar, portanto, que num concerto como o de hoje o enfoque

seja neste troço do percurso criativo de Sérgio Godinho, de onde nascem muitas das canções mais duradouras da sua carreira.

**Cuidado com as Imitações**, sátira social feita a partir de mais uma personagem bem caracterizada (Casimiro, cujo nome é um achado fonético face à locução “c’as imitações”), denuncia de forma particularmente clara a proximidade com a música de tradição oral portuguesa mas também com o Brasil, sobretudo com a música nordestina. É uma mistura de referências singular nos ritmos de base, no instrumentário, na harmonia e no jeito ritmado e solto das frases (incluindo um toque de “samba de breque” no verso falado “e dizia ele com os seus botões”). Em **Arranja-me um Emprego**, o locutor personifica com ironia um jovem disposto a tudo para subir de estatuto, submisso às ordens de alguém que se subentende ser sua superior hierárquica.

**É Terça-Feira**, começado como instrumental para cinema (em 1980, para o filme *Kilas, o Mau da Fita*, de José Fonseca e Costa, de onde nasce também a famosa *Balada da Rita*), traz o retrato poético de uma vida em condições precárias, sob o raro compasso de valsa (a que não será alheia a referência de canções francesas rodopiando na memória do seu criador). Em **Espalhem a Notícia**, uma das pérolas do catálogo de toda uma carreira, espreita-se por entre a vivência íntima do erotismo e do nascimento de um filho, em versos de rara delicadeza. A regularmente revisitada **Com um Brilhozinho nos Olhos** retoma a vivacidade de *Cuidado com as Imitações*, num contexto ainda mais multifacetado em termos musicais. A letra traz o momento de um encontro como mote para uma narrativa de histórias de vida. A música, de riqueza e energia singulares, está repleta de soluções melódicas,

harmónicas, fonéticas e rítmicas que fazem desta uma das canções estilisticamente mais pessoais de Sérgio Godinho. Numa linguagem mais simples mas igualmente pessoal, **O Porto Aqui Tão Perto** revisita não só a cidade do Porto (de onde todo o seu percurso de vida partiu), como também a personagem de Etelvina, que a esse lugar pertence desde que Sérgio lhe deu vida.

Já em **Coro das Velhas** (que traz a inesquecível frase “cá se vai andando com a cabeça entre as orelhas”, roubada à bisavó brasileira de Sérgio), temos outra personagem de contexto popular: “*uma velha, que pode não ser muito erudita mas sabe muito mais da vida do que muitas pessoas consideradas importantes... (...) Por um lado o pseudoconformismo, e ao mesmo tempo uma atitude muito lutadora e muito tenaz*”<sup>1</sup>. A música, particularmente propícia a um dinamismo especial em palco por efeitos de pergunta/resposta, é também aglutinadora de referências tão díspares e entrosadas que a denunciam como pessoalíssima de Sérgio Godinho.

Poder-se-ia prever que a carreira de tão bem sucedido autor e intérprete estagnasse a partir de uma fase tão clara de consagração como essa da primeira metade da década de oitenta. Mas Sérgio Godinho avisara, nos versos de *Pano-Cru*: “*Eu ainda estou por acabar / e como o linho vem da terra / assim viemos eu e tu / e como tu eu faço e amo / e luto e dou / e como tu eu estou / entre aquilo que já fiz / e aquilo que eu fizer*”. E tem continuado a evidenciar uma abertura de perspectivas e a entregar as suas canções a diferentes sonoridades. Nos anos seguintes faria experiências contrastantes nos seus álbuns: aproximar-se-ia mais dos sintetizadores por via de António Emiliano em *Na Vida Real* (1987), tendência ainda notória no

álbum seguinte, *Aos Amores* (1989); por outro lado, mantinha a apetência pela experimentação de arranjos ao vivo e pela celebração desse momento especial. Nas notas de *Rivoltiz* (1998), Sérgio confirma o que se afirmava na sua citação com que se abre este texto: “*Não há versões originais. O que há, isso sim, é a evidência da precariedade do palco, suas glórias e fraquezas em diária ebulição. Dia a dia, mês a mês, ano a ano*”. Em *Tinta Permanente* (1993) e em *Noites Passadas* (ao vivo, 1995), disfrutava do lado camerístico proporcionado pela direcção musical de João Paulo Esteves da Silva. Já em 2003, *O Irmão do Meio* foi pretexto para estabelecer ou reatar parcerias com vários músicos convidados de Portugal e do Brasil em interpretações de canções anteriores, com novos e eclécticos arranjos. As marcantes *Afinidades* descobertas com os Clã por ocasião do concerto que partilharam na Expo’98, bem como a cumplicidade encontrada com Nuno Rafael, estiveram na base de uma mudança de sonoridade decisiva no rosto das suas canções: desde finais da década de 1990, os arranjos dados às suas canções por estes músicos, ao vivo e em disco, aproximam-nas de sonoridades rock de forma muito assumida, sempre com audácia e capacidade de surpreender. Comprovam-no as revisitações ao vivo de *Nove e Meia no Maria Matos* (2008), mas também os originais lançados entretanto em *Lupa* (2000) e *Ligação Directa* (2006), bem como em *Mútuo Consentimento* (2011), de onde continuam a ouvir-se **O Acesso Bloqueado** (numa engenhosa referência à imprevisibilidade de percursos e de vida no tempo actual) e **Bomba-Relógio** (escrito originalmente para Cristina Branco, o que não é adivinhável pelo arranjo que recebeu no álbum).

Enfim, em todas as etapas do percurso tem havido lugar para visitar, mas também para experimentar e ousar com prazer. Nas canções de Sérgio Godinho há o denominador-chave da plasticidade que lhes permite múltiplas leituras e as coloca num jogo fugaz em que para cada canção há “vida” e “ressurreição” sempre iminente, em que cada chegada se faz partida, sem estação de desembarque nem destino previamente traçado.

Chegados a esta paragem, entremos. Que cada um se junte às canções que se fizeram suas, na sua própria viagem única e irrepetível de permanente renascer, e as acompanhe. Lado a lado, frente a frente, de olhos postos na janela que o tempo atravessa, leve e livre.

Bom concerto.

PEDRO ALMEIDA, 2016

## **Sérgio Godinho** *voz e composições*

Cantor, compositor, escritor (para adultos e crianças), actor (de teatro e cinema), realizador, Sérgio Godinho é, para citar uma das suas canções clássicas, o verdadeiro “homem dos sete instrumentos”. Mas, numa carreira artística de invejável longevidade, que se prolonga há mais de 40 anos de modo quase intocável, foi o seu trabalho enquanto cantor-compositor que o tornou num ícone capaz de reunir à volta das suas canções gerações de diferentes idades, vivências e aspirações.

Sérgio Godinho não se centra apenas na música: no início dos anos 70, participa como actor durante quase dois anos na produção parisiense do musical *Hair* e em 2008 estreia *Onde Vamos Morar* de José Maria Vieira Mendes, com encenação de Jorge Silva Melo, que esteve em cena em Lisboa e depois percorreu o país em digressão. Destacase também na área infantil – por exemplo, compondo temas para séries televisivas (*Os Amigos de Gaspar*, *Árvore dos Patafúrdios*) ou escrevendo a peça de teatro *Eu, tu ele nós vós eles* em 1980, premiada pela Secretaria de Estado da Cultura.

O cantautor também se revelou na escrita, não só de obras infanto-juvenis como *A Caixa* e *O Pequeno Livro dos Medos* (cujas ilustrações também lhe pertencem), como na poesia com a edição em 2009 de *O Sangue Por Um Fio*. É de destacar ainda a edição de *60 Canções de Sérgio Godinho* – um dos primeiros livros de partituras a ser editado em Portugal – e a sua biografia musical, *Retrovisor*, escrita por Nuno Galopim.

---

1 Citações retiradas do livro *Retrovisor: Uma Biografia Musical de Sérgio Godinho*, de Nuno Galopim (Assírio & Alvim, 2006).

2 Entrevista de Pedro Almeida a Sérgio Godinho, 19/04/2011.

Em Outubro de 2009, juntou-se a José Mário Branco e Fausto Bordalo Dias para quatro noites que ficarão na história da música portuguesa – *Três Cantos*. Foram quatro noites com lotação esgotada no Campo Pequeno e Coliseu do Porto. Este reencontro ficou registado em CD e DVD com a edição de *Três Cantos ao Vivo*, que atingiu o Galardão de Ouro na sua semana de edição.

*Mútuo Consentimento* foi lançado em Setembro de 2011 e entrou directamente para o n.º 1 do Top Nacional de Vendas, revelando algumas parcerias inéditas: Bernardo Sasseti, Noiserv, Francisca Cortesão (*aka* Minta), o percussionista António Serginho (Foge Foge Bandido) e a Roda de Choro de Lisboa são alguns dos que se juntaram à banda que tem acompanhado Sérgio Godinho nos últimos anos – “Os Assessores”. A par desta publicação, a comemoração dos 40 anos de actividade musical foi ainda celebrada pela edição do livro *Sérgio Godinho e as 40 Ilustrações*, onde as suas letras são “revistas” por outros tantos ilustradores; e, já em 2012, o livro de crónicas *Caríssimas 40 Canções*, centrado na “canções dos outros”, num olhar pessoal e rememorativo dos intérpretes e autores que marcaram o seu percurso.

Em 2013, foi galardoado com o Prémio Tenco, promovido pela associação cultural italiana *Così Di Amilcare*. Tendo como ponto de partida o livro de crónicas, concebeu e apresentou no Centro Cultural de Belém e na Casa da Música o espectáculo *Caríssimas Canções*, cuja gravação foi editada em CD no final de 2013.

A propósito da celebração do 40º aniversário do 25 de Abril de 1974, o São Luiz Teatro Municipal convida o “escritor de canções” para a concepção de um espectáculo de cariz especial. *Liberdade* é o título que Sérgio Godinho

encontra dentro do seu próprio repertório, socorrendo-se da canção publicada em 1974 no álbum *À Queima-Roupa*. Depois de três apresentações lotadas no São Luiz, o espectáculo partiu em digressão, dando origem a mais um registo ao vivo. Ainda em 2014, Sérgio Godinho publicou *Vidadupla*, a sua primeira publicação na área do conto, sucedendo assim às edições de poesia e infanto-juvenis.

Irrequieto e aventureiro, Sérgio Godinho guardou para 2015 algo que há muito projectava viesse a suceder – a partilha de palco com Jorge Palma. *JUNTOS* foi o nome dado ao projecto que “juntou” em palco dois nomes maiores da música nacional e que foi fixado para a posteridade no CD+DVD captado no Teatro Circo em Braga, divulgado ao grande público no final de 2015. A par deste projecto, Sérgio Godinho apresentou o espectáculo *Liberdade* por todo o país a ainda fora de fronteiras, em Macau e em Espanha, no âmbito da Mostra Portuguesa realizada no país vizinho.



## **Pedro Guedes** *direcção musical*

Na última década e meia, Pedro Guedes teve um papel crucial na transformação do meio jazzístico do Porto. Em 1999, fundou a Orquestra Jazz de Matosinhos, da qual é Director Artístico, Director Musical (em parceria com Carlos Azevedo), compositor, arranjador e pianista. Em 2001, juntamente com Carlos Azevedo, criou a primeira Licenciatura em Jazz do país, que já formou dezenas de músicos e trouxe um acréscimo de qualidade ao meio jazzístico da região. Desde então e até à actualidade, estes são os projectos aos quais se entrega de corpo e alma.

Pedro Guedes diplomou-se na New School for Jazz and Contemporary Music em 1994, estudando com alguns dos mais reputados músicos de jazz. Foi Director Musical da Walt Disney em Portugal, e em 1997 fundou a Héritage Big Band – orquestra que daria origem à Orquestra Jazz de Matosinhos. Em 1998, concluiu a pós-graduação em Scoring for Motion Picture and Television na University of Southern California em Los Angeles. Entre 1998 e 2001 foi programador do Festival de Jazz do Porto. Foi ainda coordenador e programador da área do Jazz na Capital Europeia da Cultura – Porto 2001. É professor em regime de exclusividade na Licenciatura em Jazz da ESMAE.

## **Orquestra Jazz de Matosinhos**

A Orquestra Jazz de Matosinhos, criada em 1999 com o apoio da Câmara Municipal de Matosinhos, é um laboratório permanente. Não esquece a tradição das grandes big bands do passado, mas promove continuamente a criação, a investigação, a divulgação e a formação na área do jazz, cruzando a ambição internacional com o sentido de responsabilidade local.

Constituindo uma autêntica orquestra nacional de jazz, apresenta repertórios de todas as variantes estéticas e de todas as épocas do jazz, assumindo-se como um fórum alargado de compositores e músicos, lançando pontes, estabelecendo parcerias e produzindo um repertório nacional específico para big band contemporâneo, versátil e diverso.

Dirigida por Pedro Guedes e Carlos Azevedo, tem colaborado com nomes tão diversos como Maria Schneider, Carla Bley, Lee Konitz, John Hollenbeck, Jim McNeely, Kurt Rosenwinkel, João Paulo Esteves da Silva, Carlos Bica, Ingrid Jensen, Bob Berg, Conrad Herwig, Mark Turner, Rich Perry, Steve Swallow, Gary Valente, Dieter Glawischnig, Stephan Ashbury, Chris Cheek, Ohad Talmor, Joshua Redman, Andy Sheppard, Dee Dee Bridgewater, Maria Rita, Maria João, Mayra Andrade e Manuela Azevedo, entre muitos outros.

A OJM tem actuado regularmente nas principais salas do país e também em Barcelona, Bruxelas, Milão, Nova Iorque, Boston e Marselha. Foi a primeira formação portuguesa de jazz a participar num festival norte-americano (JVC Jazz Festival, Carnegie Hall, em 2007), participou no Beantown Jazz Festival de Boston e realizou temporadas nos clubes nova-iorquinos Birdland, Jazz Standard, Jazz Gallery e Iridium. Em 2015 voltou a integrar o

cartaz do Voll-Damm Festival Internacional de Jazz de Barcelona, e em 2016 actuou no Blue Note de Nova Iorque e na Konzerthaus de Viena, onde apresentou *Our Secret World*, com Kurt Rosenwinkel.

A discografia da OJM começou a ver a luz do dia em 2006 e é o reflexo de algumas das suas colaborações mais sólidas. Depois de *Orquestra Jazz de Matosinhos Invites: Chris Cheek* (Fresh Sound New Talent), surgiu *Portology* (Omnitone), com Lee Konitz como compositor e solista principal. Da colaboração com o guitarrista Kurt Rosenwinkel resultou a gravação de *Our Secret World* (WomMusic, 2010), lançado nos EUA e em Portugal. Em 2011 foi editado o álbum com a cantora Maria João, *Amoras e Framboesas* (Universal Music). Em 2013 surgiu *Bela Senão Sem* (TOAP), com arranjos originais sobre a música do pianista João Paulo Esteves da Silva. Em 2014 foi editado o álbum *Jazz Composers Forum: today's european-american big band writing* (TOAP), trabalho que resultou da gravação de oito encomendas feitas a oito compositores, quatro americanos e quatro europeus, para o ciclo de concertos com o mesmo nome.

A Orquestra desenvolve igualmente, desde 2010, um projecto destinado à criação de um Centro de Alto Rendimento Artístico (CARA) em Matosinhos, promovendo o diálogo entre arte, ciência e tecnologia, designadamente através de projectos multidisciplinares que visem a investigação e desenvolvimento de soluções para a criação, fruição e disseminação de conteúdos criativos.

## **Madeiras**

José Luís Rego  
João Guimarães Ferreira  
Mário Santos  
José Pedro Coelho  
Rui Teixeira

## **Trompetes**

Gileno Santana  
Ricardo Formoso  
Susana Silva  
Rogério Ribeiro

## **Trombone**

Daniel Dias  
Paulo Perfeito  
Andreia Santos  
Gonçalo Dias

## **Secção Rítmica**

José Miguel Moreira (guitarra)  
Carlos Azevedo (piano)  
José Carlos Barbosa (contrabaixo)  
Marcos Cavaleiro (bateria)  
António Sérgio Lima (percussão)

## FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA

### CONSELHO DE FUNDADORES

#### Presidente

LUÍS VALENTE DE OLIVEIRA

#### Vice-Presidentes

JOÃO NUNO MACEDO SILVA

JOSÉ ANTÓNIO TEIXEIRA

ESTADO PORTUGUÊS

MUNICÍPIO DO PORTO

GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

AÇA GROUP

ÁGUAS DO PORTO

AMORIM INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES, SGPS, S. A.

ARSOPI - INDÚSTRIAS METALÚRGICAS ARLINDO S. PINHO, S. A.

AUTO - SUECO, LDA.

AXA PORTUGAL, COMPANHIA DE SEGUROS, S. A.

BA VIDRO, S. A.

BANCO BPI, S. A.

BANCO GARREGOSA

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.

BANCO SANTANDER TOTTA, S. A.

BIAL - SGPS S. A.

CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CEREALIS, SGPS, S. A.

CHAMARTIN IMOBILIÁRIA, SGPS, S. A.

CIN S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ PORTUGAL, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE, S. A.

CONTINENTAL MABOR - INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A.

CPCHS - COMPANHIA PORTUGUESA DE COMPUTADORES INFORMÁTICA E SISTEMAS, S. A.

FUNDAÇÃO EDP

EL CORTE INGLÉS, GRANDES ARMAZÉNS, S. A.

GALP ENERGIA, SGPS, S. A.

GLOBAL SHOPS RESOURCES, SLU

GRUPO MEDIA CAPITAL, SGPS S. A.

GRUPO SOARES DA COSTA, SGPS, S. A.

GRUPO VISABEIRA - SGPS, S. A.

III - INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS E IMOBILIÁRIOS, S. A.

LACTOGAL, S. A.

LAMEIRINHO - INDÚSTRIA TÊXTIL, S. A.

METRO DO PORTO, S. A.

MSFT - SOFTWARE PARA MICROCOMPUTADORES, LDA.

MOTA - ENGIL SGPS, S. A.

MUNICÍPIO DE MATOSINHOS

NOVO BANCO S.A.

OLINVEST - SGPS, LDA.

PESCANOVA

PORTO EDITORA, S.A.

PORTUGAL TELECOM, SGPS, S. A.

PRICEWATERHOUSECOOPERS & ASSOCIADOS

RAR - SOCIEDADE DE CONTROLE (HOLDING), S. A.

REVIGRÉS - INDÚSTRIA DE REVESTIMENTOS DE GRÉS, S. A.

TOYOTA CAETANO PORTUGAL, S. A.

SOGRAPE VINHOS, S. A.

SOLVERDE - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS TURÍSTICOS DA COSTA VERDE, S. A.

SOMAGUE, SGPS, S. A.

SONAE SGPS S. A.

TERTIR, TERMINAIS DE PORTUGAL, S. A.

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES, S. A.

UNICER, BEBIDAS DE PORTUGAL, SGPS, S. A.

### EMPRESAS AMIGAS DA FUNDAÇÃO

CACHAPUZ

CREATE IT

DELOITTE

EUREST

EXTERNATO RIBADOURO

GRUPO DOUROAZUL

MANVIA S. A.

NAUTILUS S. A.

SAFIRA FACILITY SERVICES S. A.

STRONG SEGURANÇA S. A.

### OUTROS APOIOS

FUNDAÇÃO ADELMAN

I2S

PATHENA

RAR

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

VORTAL

### PATRONO DO MAESTRO TITULAR DO REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

SONAE SIERRA

### PATRONO DO CONCERTINO DA ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

THYSSENKRUPP



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA



PATROCÍNIO  
VERÃO NA CASA



MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA  
DO PORTO CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS PRINCIPAL  
CASA DA MÚSICA

